



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Cátedra UNESCO de Educação a Distância
Secretaria de Estado de Educação do Acre
Curso de Pedagogia a Distância – PED – EaD

A ESTÉTICA NA OBRA DE HÉLIO MELO NO ACRE

Edjane Alves Silva

Rio Branco– 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Cátedra UNESCO de Educação a Distância
Secretaria de Estado de Educação do Acre
Curso de Pedagogia a Distância – PED – EaD

A ESTÉTICA NA OBRA DE HÉLIO MELO NO ACRE

Edjane Alves Silva

Trabalho de conclusão de curso de Artes visuais, habilitação em licenciatura do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Profa. MS Janaína Mota

Rio Branco – 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Cátedra UNESCO de Educação a Distância
Secretaria de Estado de Educação do Acre
Curso de Pedagogia a Distância – PED – EaD

Trabalho de conclusão de curso de Artes visuais, habilitação em licenciatura do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília..

A ESTÉTICA DA OBRA DE HÉLIO MELO NO ACRE

Edjane Alves silva

BANCA EXAMINADORA

Professor orientador: Janaína Mota

Profa. Nilzete

Rio Branco – 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho primeiramente a Deus, que trava uma batalha diária por mim, agradeço aos meus pais, Terezinha e José por terem me dado esse privilégio que é viver.

Aos meus filhos, Antonio e Helena, pelo apoio incondicional nessa caminhada de quatro anos de faculdade, e também pela compreensão e paciência dos dois nos momentos mais vacilantes e importantes da construção deste trabalho.

Aos professores da UNB do curso de licenciatura em Artes Visuais, especialmente a Margarida e Janaína, que por vezes escutaram meus desabafos e me ajudaram a seguir em frente nos momentos de desespero.

A minha grande amiga de trabalho, Dulce, que neste momento posso chamar de irmã, dedicou ela noites na ajuda de construir o presente trabalho.

Ao cientista social Herbert Viana, que foi a primeira pessoa com quem discuti a cerca deste trabalho ainda no campo das idéias, me incentivando a levar a frente o tema por mim escolhido.

Agradeço aos alunos da 8ª série do Instituto São José, que sabendo do meu trabalho acadêmico, não mediram esforços em trazer informações e sugestões que me iluminaram em muitas idéias na confecção do tema por mim escolhido.

Por fim, agradeço *in memoriam* a Hélio Melo, que tanto contribuiu e valorizou a cultura acriana através do seu fazer artístico, possibilitando seus apreciadores a descobrir que a arte não é apenas um acessório para vida, mas sim a expressão de nossa própria vida.

A arte não é apenas prazer.(...) Sua função é enriquecer e desenvolver a consciência humana.

Naum Gabo,1963

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1- O ARTISTA HÉLIO MELO.....	08
1.1 A obra e o Artista.....	10
1.2 Influência Naif.....	10
CAPÍTULO 2 -ANÁLISE DAS OBRAS DE HÉLIO MELO.....	14
2.1 Característica Híbrida e Irônica.....	18
2.1.1 <i>Linha e Forma</i>	18
2.1.2 <i>Cor, Luz e Sombra</i>	19
2.1.3 <i>Figuras Humanas</i>	20
2.1.4 <i>Contexto Histórico</i>	21
CAPÍTULO 3 - LEITURA DE IMAGENS.....	22
CAPÍTULO 4 - A OBRA DE HÉLIO MELO COMO LINGUAGEM E INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO NA ARTE E EDUCAÇÃO NO ACRE.....	28
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Melo, Hélio. A estrada da Floresta.....	22
Figura 2 – Melo, Hélio. Família e mulher vaca.....	23
Figura 3 – Melo, Hélio. Árvore vaca e árvore bezerro.....	24
Figura 4 – Melo, Hélio. A árvore que chora.....	25
Figura 5 – Melo, Hélio. Homem defumando.....	26
Figura 6 – Melo, Hélio. Ferramentas do seringueiro	27

INTRODUÇÃO

No posfácio de seu livro *A origem da obra de arte*, o filósofo alemão *Martin Heidegger* afirma que: "Desde o tempo em que despontou uma reflexão expressa sobre a arte e os artistas, tal reflexão se chamou estética". Todavia, como área da filosofia, a estética deve ser diferenciada do estudo da história da arte. Enquanto esta procura descrever as diversas manifestações artísticas, em seus elementos específicos e gerais, a estética, como todo pensamento filosófico, busca pensar a condição de possibilidade, a origem, de toda manifestação artística. Nesta perspectiva, o objetivo central do presente trabalho é realizar uma análise das principais obras do artista genuinamente acriano Hélio Melo, observando a estética de suas obras por meio da leitura de imagens, tendo como fio condutor o contexto histórico do Acre.

Compreender a complexidade que envolve o processo artístico no âmbito da sua criação requer do educador um olhar abrangente em que pese todos os aspectos que podem interferir na produção. Dessa forma, faz-se necessário uma focalização e contextualização histórica e geográfica do artista em questão, revelando sua inserção dentro de um determinado contexto histórico e social, bem como sua postura crítica diante da realidade.

Para conseguir tal feito é necessário seguir uma linha de organização que contemple diálogos, conduzindo para o contexto da sala de aula tais informações, no intuito de construir conhecimentos estéticos que revelem o senso crítico da obra de Hélio Melo, conhecendo assim um pouco de sua história revelada na composição das obras por meio das linhas, formas, cores, figuras humanas, características, híbridas e irônicas, e tendência Naif.

A escolha das obras a serem estudadas e debatidas em sala de aula deu-se em razão da relevância em torno dos objetivos propostos para este trabalho, o que se pode comprovar pelos próprios títulos: "a estrada da floresta"; "O homem fumando"; "ferramentas do seringueiro"; "a árvore que chora"; "árvore vaca, árvore bezerro"; "família e mulher vaca". Todas essas imagens serão transportadas de sites institucionais por meio de pesquisas na internet e visitas em museus, observando que não foi possível localizar a data precisa de cada obra.

CAPÍTULO1- O ARTISTA

O artista Hélio Holanda Melo, nascido no dia 20/07/1926, na Vila Antimarí, em Boca do Acre – AM, cresceu no seringal Floresta. Aos dez anos de idade, quando mudou-se para o seringal Senápoles, próximo a boca do Antimarí, seringal este que parte dona Rita Holanda Melo, sua mãe herdara.

Quando completou a idade de 12 anos, contra a vontade de sua mãe, foi extrair látex nas seringas para ajudar nas despesas, e já aos 16 anos passou a administrar o seringal Senápoles, pois seu pai, Alberto Alves de Melo, após uma febre ficou surdo pelo resto da vida.

Em 1949, após uma grande crise financeira que atingiu o seringal, Dona Rita, mãe de Hélio, reuniu todos os filhos e pediu para que vendessem o seringal, pois era uma vida difícil, como Hélio relatou em uma entrevista:

Ave Maria! Não gosto nem... O eu queria fazer um romance da minha vinda do seringal, mas não faço não. Ave Maria, sofri muito! Quando cheguei a sair do seringal tava numa situação difícil mesmo (...) o seringal não dava quase resultado não, a produção era muito pouca, muitos herdeiros, passei mais dois anos de sofrimento, foi em 1957. Quem comprou o nosso seringal pelejava até eu ficar: - Não, você fica! O produto a gente paga no mesmo preço, você fica trabalhando aí com a gente. Mas só foi agá.(Entrevista realizada no dia 13/02/2001 com Hélio Melo em sua casa no bairro da Base em Rio Branco – AC,p. 23)

Diante da situação cada vez mais precária no seringal, em 1959 muda-se para Rio Branco e passa a trabalhar clandestinamente como catraieiro, uma vez que não possuía os documentos para exercer o ofício, no entanto contou com a ajuda de um agente da marinha que o deixou operar o barco até conseguir os documentos necessários para exercer o ofício. Hélio Melo trabalhou neste ofício onze anos no Rio Acre até a inauguração da ponte metálica Juscelino Kubitschek em 1971, no governo de Jorge Kalume. Logo em seguida, além de trabalhar com o pequeno barco, exercia o ofício de barbeiro.

Lá no seringal eu cortava o cabelo daquele pessoal, fregueses. Eu sabia cortar cabelo, aí o pessoal da catraia souberam que eu sabia cortar cabelo e comecei a cortar o cabelo desse pessoal, ia na casa deles, foi aí que eu comprei uma balsa e passei a remar um dia sim e outro não, de repente arrumava dinheiro, era um dinheiro mais fácil. Quando a ponte saiu, melhorei mais os utensílios. Fiquei na mesma coisa, ia para a Cadeia Velha, todo canto. .(Entrevista realizada no dia 13/02/2001 com Hélio Melo em sua casa no bairro da Base em Rio Branco – AC, pág 23)

Após a inauguração da ponte metálica em 1971 não tinha mais necessidade das catraias nos Rios, então Hélio passou a trabalhar somente como barbeiro, tornando difícil o sustento de sua mulher e cinco filhos, quando finalmente em 1975 empregou-se em uma repartição pública como vigilante da CODISACRE (Companhia Industrial de Desenvolvimento do Acre).

Embora já desenhasse e pintasse desde criança, somente em 1978 passou a ser reconhecido como artista plástico, através do Sr. Gregório Filho, delegado do SESC – AC e do Sr. José Genésio Fernandes, pintor.

José Genésio Fernandes, que na época estava ministrando um curso de desenho e pintura, solicitou que Hélio Melo mostrasse o seu trabalho e segundo Hélio, Genésio, como era conhecido, ficou surpreso e logo o convidou para participar de uma exposição coletiva local que contou com a presença do então governador Geraldo Mesquita. Este pediu para Hélio enviar seus doze desenhos à feira dos Estados em Brasília, no ano de 1979. Esta foi sua primeira exposição fora do Acre, vendendo rapidamente suas obras, passando então a ser apreciado em outros recantos do país.

Outro apreciador da arte local, Senhor Gregório Filho, também lhe garantiu o reconhecimento como artista plástico, enviando as suas obras para uma exposição individual no Rio de Janeiro, especificamente na Galeria de Arte da Tijuca do Serviço Social do Comércio – SESC, em 1980, e logo em seguida propiciou mais duas exposições individuais na casa de cultura de Pernambuco e no serviço social do comércio – SESC, ambas em Recife – PE, no ano de 1981.

A partir de então Melo se consolidou como artista plástico renomado, totalizando aproximadamente 70 exposições locais, nacionais e internacionais, onde Hélio Melo aproveitava para mostrar outros talentos artísticos, como o de músico e escritor, abordando sempre como temática aspectos da região.

[...] Hélio Melo era um artista
Símbolo de uma cultura natural
Onde estudou e bastante aprendeu
Sem auxílio do ensino fundamental
nesta sua formação educadora
teve floresta como professora
E a disposição como peça principal [...]
(PIRES, 2002, p. 05)

1.1 A Obra e o Artista

Por meio de sua vivência com a mata que começou a descobrir seu talento como desenhista e pintor, usando tintas tiradas do sumo das plantas. A sua temática sempre teve presente na vida do seringal, suas tintas e suportes eram muito simples, uma vez que a composição das tintas eram de sumos extraído das plantas daquela região.

A obra do artista, feita sempre sobre papel cartolina, foi marcada pelas suas reminiscências, às quais é visível em toda sua obra. Ao observar suas obras indaga-se se foi a infância que construiu o artista ou o talento já nasceu com ele. Antonio Xavier Teles expõe sua opinião:

O artista explicita, na sua arte, o sentido de sua época como qualquer um de nós, ele está dentro das coordenadas de seu tempo. Por exemplo, um objeto de uma vitrine é o que a cultura ou espírito da época faz ou fez das coisas. (TELES,1972,p. 53)

Levar a vida e a obra de Hélio Melo para ser estudada em sala de aula, é atrelar a arte educação a historicidade do Acre e construir conhecimentos por meio de suas obras, possibilitando o aluno encontrar o passado e perceber que a vida e a obra do artista se inserem no contexto histórico se bifurcando em linhas em um determinado momento, como ele explicou na tela de forma peculiar.

Quando um artista ou mesmo artesão faz sua arte, na sua atividade está incluída toda comunidade, seus valores, seus gostos, seus ideais, seu modo de ser, enfim. Uma obra de arte exprime algo do tempo, do povo, da época e da cultura. (TELES,1976,p. 97).

1.2 Influência Naif

Em sua temática Hélio evidencia a importância do seringal, seleciona dados significativos que possam ser reais acontecimentos da sua época como também o êxodo de sua gente do campo para a cidade. Retratou a seringa do auge à sua decadência e abordou as grandes fazendas de gado, tudo isso através do seu enorme talento no desenho e na pintura como resultado final do processo de criação artístico.

A importância do contexto histórico, cultural e individual como base de criação de suas obras evidenciam sua caracterização como um artista Naif. A busca para assegurar tal afirmação é algo inerente ao mundo das artes plásticas. Antes do estilo do desenho e da pintura de Hélio Melo, era necessário entender como é complexo formar classificação de uma pintura ou desenho. Observemos a seguinte colocação de Jorge Coli, quando diz que:

[...] as definições estilísticas extravasam o domínio da definição formal, que inicialmente, parecia constituir seu núcleo base. Elas não são lógicas, são históricas, viveram no tempo e tiveram caminhos e funções diferentes. Elas evoluíram, e não são forçosamente as mesmas segundo as épocas que as empregam. Algumas foram criadas por homens que se reconheciam nelas: Breton e Dali diziam-se surrealistas [...]. Em outros casos, a atribuição de um epíteto a um grupo de artistas é exterior a ele: os “impressionistas” os fauve, foram assim chamados de maneira pejorativa, por jornalistas do tempo [...]. E, ainda, há conceitos inventados a posterior para localizar, na sua história, tal grupo de artistas que, evidentemente, não suspeitavam da classificação [...] (COLI, 1995, p.30)

É compreensível que no contexto da história das artes plásticas os críticos de arte, historiadores e estudiosos da arte conseguiram encontrar características comuns de obras de um determinado período que são entendidas por estilos.

Cada época tem seu estilo que se forma de acordo com a cultura e sociedade de um determinado momento histórico. Se entende ainda que as criações de denominações estilísticas surgem da necessidade que temos de classificar objetos dados a nossa percepção, por isso quando se está diante de uma obra de arte é natural que a primeira atitude do observador, no caso o aluno, seja de procurar enquadrar a obra dentro de uma denominação estilística.

Tal atitude é uma forma de sintetizar a complexidade da obra, criando assim um delimitador que permitirá ao educando apreender as características das obras.

No entanto, aquilo que chamamos de “estilo” não será, afinal, a expressão uniforme de um tempo, de uma época social, na arte? O mesmo “estilo” não pode ser reconhecido em uma atitude geral que se estende desde o vestário e a política, desde a moral e os costumes, até a música e a poesia? Não será o “estilo” a mais inequívoca expressão de uma sociedade? Antes de mais nada, se examinarmos o fenômeno do estilo, verificamos que um sistema de formas, convenções e tendências foi aceito por artistas de diversas espécies e diferentes temperamentos como uma lei que os governa por livre escolha deles. Desse modo, um elemento coletivo se manifesta no plano de atividade de um indivíduo e, embora as obras individuais possam diferir grandemente de acordo com características do talento individual do artista, é inequívoca a presença (muitas vezes difícil de ser definida) do fator comum. (FISCHER, 1983, p. 171)

Cada quadro é uma nova realidade, cada quadro é singular, embora o estilo possa reunir obras de vários artistas plásticos dentro de uma denominação estilística.

Quando participava das exposições de Hélio Melo e conversava com alguns apreciadores do seu trabalho, a maioria quase unânime falava do seu estilo primitivista, embora não se deva limitá-lo de forma determinista dentro dessa denominação estilística. Esse estilo tão em voga é conhecido mais usualmente como arte naif, surgiu nos fins do século XIX, quando Henri Rousseau apresentou sua obra-prima “Um dia de Carnaval”, no salão dos independentes em Paris. Neste evento foi duramente criticado por sua falta de conhecimento das técnicas de pintura e desenho, pois ele usava em seu trabalho artístico as cores de forma aleatória, e segundo os críticos ele também não tinha noção de composição e perspectiva, salientando ainda que Henri Rousseau era um homem de pouca instrução não, conseguiu o reconhecimento anos mais tarde, sendo um dos influenciadores do movimento surrealista. (LEVY, 2004, p14)

No Acre, o estilo de Hélio Melo foi um dos expoentes por possuir o seu trabalho artístico algumas características com conceito de arte Naif, já que engloba obras marcadas por desenhos e pinturas sem a preocupação com proporção, marcada ainda pela forma autodidata do artista no processo de criação da obra e pela temática relacionada com o cotidiano. Os elementos figurativos de seus quadros estão amplamente relacionados com o cotidiano dos alunos acrianos; floresta, seringueiro, barco, tatu, veado, êxodo rural entre outros, e nas obras do artista existe desproporção e algumas vezes falta de perspectiva entre os vários elementos figurativos.

Para melhor ilustrar tais colocações, apresento no capítulo II algumas figuras de suas obras, onde o seringueiro é quase do tamanho da casa em que mora, ou figuras do primeiro plano parecem justapostas ao segundo ao invés de dar uma noção de distância, e por último é perceptível o fato de que Hélio Melo possui uma formação artística autodidata, já que nunca freqüentou uma academia de Belas Artes ou outra instituição que permitisse uma formação técnica enquanto artista.

Evidenciado que o trabalho de Hélio Melo possui qualidades em comum com os traços da arte Naif, por outro lado, as obras também possuem outras características que fogem a esses conceitos, o uso aleatório das cores, sendo marcadas por obras coloridas. As obras de Hélio Melo não são coloridas, como será visto em algumas figuras nos anexos, elas são compostas pelo preto e verde em

suas várias gradações, e em menor número encontramos obras compostas pelo preto e laranja.

A fragilidade da classificação das denominações estilísticas das obras de Hélio correspondem às características totais que conceituam um estilo, anular as denominações estilísticas, é encerrar um conjunto de obras dentro delas, por isso, o mais correto seria dizer que os trabalhos de Hélio Melo têm tendência para arte Naif, e esta concepção também é adotada por muitos estudiosos da arte em nossa época.

As suas pinturas jamais poderiam ter um colorido chamativo ou mesmo que expresse cores fortes próprio dos artistas Naif, Hélio Melo usava os sumos das plantas que ele retirava da floresta e sintetizava a tinta de forma aguada para fazer suas pinturas diferenciar dos artistas Naif.

Contudo, quando chegou aqui na zona urbana de Rio Branco, continuou usando os sumos das plantas, mas começou também a preparar as tintas com outros pigmentos, como exemplo o pó xadrez que sempre foi usado para pigmentar pisos de cimento na região aqui do Acre antigamente.

Como Hélio não conseguia sintetizar a cor verde, pois esta não é primária, não existe na natureza, é uma cor secundária, ele teve que fazer uso do pó xadrez para o uso na sua pintura. Sempre usava linhas grossas de contorno, onde era macerado o carvão vegetal para fazer a tinta nanquim para as linhas de contorno, como se pode visualizar nas figuras anexas.

Tal mistura com a cor aguada, muito leve e translúcida como a aquarela, o céu que ele pintou nas suas obras com essas cores aguadas, o verde ao invés do azul é um tom pálido onde no centro ele passava cor mais clara possível para deixar um ponto difuso de luz, isso permitia que a pintura tivesse um brilho no centro da composição.

O artista pintava em cartolina e Duratex, na cartolina Melo dava preferência as de cores branca e amarela para fazer esse truque de luz no centro do plano, colocando a cor bem aguada e no Duratex pintava com a cor branca pra obter tal efeito.

CAPÍTULO 2- ANÁLISE DAS OBRAS DE HÉLIO MELO

Neste capítulo será feita uma análise de cinco obras de Hélio Melo, contudo será uma análise do ponto de vista da estética, dentro de uma perspectiva histórica com conceitos que aparecem dentro da filosofia da estética.

A comunhão do público com a obra será através da percepção como algo belo por sua singularidade. Uma obra de arte só será reconhecida como tal, se existir um grupo de pessoas que percebam a existência desta por meio da percepção de que nesta obra existem qualidades peculiares relacionadas com o sentimento de beleza, bem explicado pelo professor de arte Herbert Read:

[...] Qualquer teoria geral da arte deve começar pela seguinte suposição: o homem reage à forma, superfície e massa do que se lhe apresenta o sentido, e certas distribuições na proporção da forma, da superfície e da massa dos objetos tem como resultado sensação agradável, enquanto a falta de tal distribuição acarreta indiferença ou mesmo desconforto positivo e revulsão. O sentimento de relações agradáveis constitui o sentimento de beleza [...] (READ, 1978, p. 20).

Portanto, a forma das obras de Hélio Melo, como um grande artista plástico acriano possuem equilíbrio e harmonia entre as cores e traços.

As obras de arte de Hélio Melo são implicitamente o reconhecimento do valor estético. Os seus quadros devem ser reconhecidos como obra de arte primeiramente pelos seus valores estéticos e não pelos valores pragmáticos como instrumental para se chegar a outro fim que não seja a percepção e a satisfação pessoal na apreciação do belo que só ocorre logicamente pela experiência estética. Neste sentido:

[...] Costuma-se dizer que a experiência estética, ou a experiência do belo, é gratuita, é desinteressada, ou seja, não visa um interesse prático imediato. Só neste sentido podemos entender a gratuidade dessa experiência, e jamais como inutilidade, uma vez que ela responde a uma necessidade humana e social. A experiência estética não visa o conhecimento lógico, medido em termos de verdade; não visa a ação imediata e não pode ser julgada em termos de utilidade para determinado fim. A experiência estética é a experiência da presença tanto do objeto estético como do sujeito que o percebe [...] (ARANHA e MARTINS, 1993, p 343)

A Citação acima de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, estudiosas da filosofia, têm sua idéia central compartilhada por muitos estudiosos da arte em geral, assim muitos teóricos apregoam que quando se busca qualquer valor além do estético nas obras de arte, incorre-se no risco de

descaracterizar a obra, pois a sua classificação como objeto de arte provém unicamente do valor estético, não devendo ser procurado nas mesmas, valores históricos, políticos, didáticos, religiosos e outros, embora estes possam existir.

Essa preocupação dos teóricos modernos faz sentido, se hoje a capela Sistina de Michelangelo é considerada uma obra de arte, deve-se ao fato que ela é passível de ser contemplada esteticamente por nós, e não pela sua função de outrora, como instrumental de ensinamento religioso, considerando que no século XVI a maioria da população europeia era analfabeta, e hoje temos várias formas de atingir outros valores (morais, políticos, religiosos e culturais), por exemplo: um afresco em que se encontre pintada a árvore do conhecimento do bem e do mal do jardim do Éden jamais vai ser um meio tão eficaz de mostrar a uma determinada pessoa os caminhos corretos e errados para a sua constituição enquanto cidadão quanto uma sóbria educação do seu meio familiar; um quadro que represente dezenas de trabalhadores rurais trabalhando num roçado sob o sol escaldante não é a melhor forma de chamar a atenção da sociedade do que a mobilização dos mesmos através de sindicatos e partidos políticos que defendam suas causas; um desenho a lápis que mostre um grupo de capoeira na praia de Piatã na Bahia, também não é a melhor forma de conhecer aspectos da cultura baiana, sendo muito mais promissor visitar um museu na Bahia ou comer um acarajé no Pelourinho; enfim, existe um número vasto de exemplos que retira das obras de arte a responsabilidade e a obrigação de servir a outras finalidades.

No entanto, ao apresentar este olhar sobre a obra de Hélio Melo ao educando, é necessário deixar claro o conceito de estética que ele carrega além de sua temática e principalmente fazer saber que hoje em dia o valor de um quadro não se deve pela sua finalidade, mas como diz Harold Osborne, estudioso e crítico de arte, se deve pela possibilidade com que pode ser apreendido pela apreciação estética, pois:

Um quadro que glorifique a utopia socialista não tem, necessariamente, um valor maior, como arte, do que uma natureza morta que retrata um jarro e uma garrafa. Para a idéia moderna de que nos ocupamos, os artefatos só deverão ser julgados boas obras de arte na medida em que se apropriam á apreciação estética e se adaptam a contemplação e a percepção concentrada e “desinteressada”, independentemente de considerações e funções e de propósito. Isto se expressa, ás vezes, dizendo-se que a arte é autotélica – tem a sua meta e o seu objetivo inerentes em si mesma (OSBORNE, 1968, p. 267)

A criação artística, no caso a pintura como uma realidade virtual, pois o aluno diante de um quadro jamais o conhecerá por outros sentidos (tato, olfato, audição e paladar), uma vez que as cores, linhas, sombras, equilíbrio e tensões só podem ser captados pela visão que criada pelo artista não pode ser vista somente dentro da perspectiva do valor estético, embora seja o mais importante quando falamos de arte, pois isso seria negar o potencial da visão do homem e as possíveis interpretações e conhecimentos sobre as diversas realidades reveladas em cada quadro, potencial este bem assinalado por Donis A. Dondis, professora de comunicação, quando cita Caleb Gattegno:

Em seu livro *Towards a visual culture*, Caleb Gattegno comenta, referindo – se a natureza do sentido visual: Embora usada por nós com tanta naturalidade, a visão não produziu a sua civilização. A visão é veloz, de grande alcance, simultaneamente analítica e sintética. Requer tão pouca energia para funcionar, como funciona, a velocidade da luz, nos permite receber e conservar um numero infinito de unidades de informação numa fração de segundos. A observação de Gattegno é um testemunho da riqueza assombrosa de nossa capacidade visual, o que nos torna propensos a concordar entusiasticamente com suas conclusões: “Com a visão, o infinito nos é dado de uma só vez; a riqueza é a sua descrição” (DONDIS, 1977, p. 06)

Cada quadro é uma realidade virtual, autônoma, esta deve ser explorada pelos nossos alunos através de recursos visuais que certamente nos possibilitarão várias formas de interpretá-la. Embora sem esquecer e concordar sempre que o maior valor de uma obra de arte é o valor estético, ao analisar os quadros de Hélio Melo, várias interpretações podem ser feitas e conseqüentemente embutir outros valores sem descaracterizar o seu valor estético, justamente porque os quadros de Hélio Melo podem conter vários elementos figurativos passíveis e possíveis de serem reconhecidos, suas obras possuem elementos significantes como seringueiro, homens da floresta, animais, barcos, rios, árvores, etc.

Cada elemento logicamente poderá e deverá ser avaliado primeiramente dentro dos seus valores estéticos, mas o recurso fisiológico da visão, sendo este um sentido de percepção e instrumento de intuição do mundo, levará o espectador a ir além da fruição do belo, passando também a encontrar nos elementos figurativos das obras semelhanças inspiradas nas figuras que permeiam a história do povo acriano, dando ao educando a possibilidade de atribuir então valores históricos e desenvolver no aluno um olhar crítico e sensibilizador. Assim acentua o doutor em

filosofia Armindo Trevisan, mostrando que uma obra de arte pode ter outras funções além da estética.

A obra de arte, igualmente, serve para ilustrar determinado programa iconográfico, o que a converte num sistema de imagens, destinado a valorizar ideais e mitos religiosos, políticos ou culturais, sujeito a modificações ocasionadas por múltiplos fatores. Não se deve ignorar ainda que a obra de arte constitui uma expressão direta ou indireta das concepções de vida e de mundo das sociedades as quais pertencem os artistas, expressão difícil de caracterizar-se em pormenor, porém presente no conjunto das obras de um artista, ou num conjunto de obras de um estilo. Finalmente, a obra de arte é um objeto de prazer, que visa provocar determinada experiência gratificante, que consiste numa espécie de vivência sensorial-perceptivo-intelectual, onde são engajadas especialmente a memória e a imaginação (TRESIDDER, 1990, p 91,92)

Em suma, os quadros de Hélio Melo podem ser vistos como obra de arte, dentro de uma visão estética, ou também como um discurso visual histórico. É dentro deste discurso que vai ser desenvolvido este trabalho, sem aprofundá-lo esteticamente, pois tal interesse cabe à filosofia e o interesse deste trabalho é desenvolver o olhar crítico do educando.

Assim, cada quadro de Hélio Melo será analisado com um recorte da vida cotidiana do seringueiro, ou do ex-seringueiro, envolvendo caça, meio de transporte, imaginário, empates, êxodo rural, costumes e hábitos, onde o trabalho artístico é a síntese de todo um contexto da vida seringueira, sendo então cada quadro uma descrição de um fato coletivo.

Enfim, é possível fazer a etnografia de um povo através das obras de arte de uma única pessoa, respeitando logicamente os limites da linguagem visual, sem a pretensão de questionar ou se sobrepor aos métodos tradicionais da etnografia. Quando transformamos os quadros em recortes e recursos para uma possível análise descritiva, é apenas uma forma diferente de se fazer etnografia, utilizando as imagens como norteadoras de análises, uma vez que a “descrição densa”, como supõe o antropólogo Clifford Geertz (1978) foi aplicada, conforme veremos no último capítulo desta monografia.

Por entender cada quadro como uma realidade virtual diferente, correspondendo cada uma a uma parte integrante da vida acriana, serão analisadas sempre como um fragmento da nossa realidade total concreta, sem ter necessariamente cada obra ligação direta com a outra forma linear, mas sim através de ligação indireta como um mosaico, cujos fragmentos têm características específicas, e quando colocados de forma equilibrada e harmônica criam um sentido

geral do todo, sendo este todo parte da história do Acre e as obras pequenos fragmentos que através das análises que se seguirão farão parte desse todo.

2.1 Características Híbridas e Irônicas

Hélio Melo era irônico sempre quando queria criticar algo que estava errado, principalmente em relação à natureza, à transformação da floresta em grandes áreas de pastos para criação de bovino, à substituição do leite da seringa para a produção leiteira da pecuária. Ele revelou de forma híbrida em algumas de suas pinturas, a crítica deste contexto socioeconômico do Acre, chamado “progresso”. Aplicarei essa forma de crítica aos alunos, mostrando diversas formas de críticas, principalmente as mais sutis como no caso das obras em questão. Para melhor explicar o conceito híbrido e irônico:

Híbrido adj1 (Biol.) Cruzado com espécies diferentes. 2 (Gram.) Diz-se das palavras tiradas de línguas diferentes. (ROCHA, Ruth. Dicionário de língua Portuguesa, 2005, p 370)

Ironia sf1 Expressão que, na forma, mostra aparentemente o contrário do que se quer exprimir no conteúdo, com intenção depreciativa e sarcástica. 2 zombaria fina e dissimulada. (ROCHA, Ruth. Dicionário de língua Portuguesa, 2005, p 409)

2.2 Linha e Forma

Linha: Ao observar a pintura de Hélio Melo, percebe-se que o uso das linhas revela nas suas obras horizontalidade, além de traços fortes e marcantes, há sempre linhas retas e estilizadas, quase não se vê as linhas circulares que são determinantes em algumas pinturas, pois tais linhas revelam movimentos, tirando a pintura de um conceito estático.

Por ser o artista autodidata e não conhecer as técnicas para representar tais fenômenos da natureza, esse aspecto é perceptível em sua obra. Uma de suas obras que revela bem o uso de linhas estilizadas, retas e não circulares, é o mapa da seringa, também conhecido estrada da floresta, uma vez que esta obra traz em si traços retos para fazer a copa da árvore, imagem que será vista mais à frente.

Nesse contexto é fundamental que o professor deixe claro para o aluno o modo com as linhas no desenho se revelam e seu sentido, pois elas vão determinar as características da obra do artista.

Por ser ainda um assunto complexo e abstrato para os alunos, a organização das linhas que formam o desenho e assim a forma se faz quando essas linhas se fecham, revelam as formas básicas e outras complexas, que por sinal o artista trabalha na sua obra, como o círculo, o quadrado e o triângulo.

O educador pode de forma clara e prática demonstrar como o artista formou seu desenho e transformou os seus traços únicos, dessa forma, desenhar é valorizar os gestos pessoais de cada um, e isso deve ficar claro para o aluno, pois tais gestos, através da linha e da forma, imprime no desenho a personalidade de cada um.

Durante muito tempo, e em algumas escolas até os dias de hoje, parte da carga horária recomendada para as aulas de Arte foi utilizada para o ensino de geometria. Embora a geometria trabalhe ao mesmo tempo com noções de matemática e desenho, a disciplina de Arte é abrangente, porque trabalha com o aluno emoções, raciocínio, expressão, narrativa, representação, desenho, imaginação, criatividade e muito mais, de modo que recuperar a carga horária para o ensino da Arte é uma vitória. (MEIRA, 2010, p. 13)

2.3 Cor, Luz e Sombra

No começo da sua jornada como o artista, Hélio de Holanda Melo tirava o sumo das plantas para dar cor aos seus desenhos, sabe-se assim que a natureza foi sua fonte de inspiração ao longo do tempo.

A natureza fazia parte do cotidiano de Hélio Melo, ele conhecia bem as flores, folhas, enfim toda vegetação local, por tal motivo tinha um facilidade grande em conseguir o sumo das plantas para colorir seus desenhos.

Na primeira fase de suas pinturas a cor é sempre aguada sobre sua temática regional, os tons pastéis, o uso dos tons verde claro aguado com mistura de marrom, pois como a cor verde não é primária, ele não conseguia sintetizá-la e fazia mistura com pigmentos sintéticos como a tinta xadrez para piso.

Quando veio para cidade continuou pintando com os pigmentos naturais, mas acrescentou a tinta guache, a tinta de caneta esferográfica e nanquim para fazer a linha de contorno em sua composição.

Entende-se que a melhor maneira de expor essa cromática do artista para os questionamentos dos alunos sobre as combinações de cores é deixar claro para eles, que não existe regra para usá-las. Que cada combinação sugere efeitos diferentes, portanto, a experimentação que Hélio Melo fez nas suas pinturas é o

melhor caminho para entender as possibilidades e que é importante para os alunos ter consciência que eles também podem fazer experiências cromáticas.

Várias cientistas e artistas se interessam pelo estudo da visão e da percepção das cores, dedicando sua vida à pesquisa desse assunto. Diversos fatores interferem na forma como vemos as cores: o funcionamento dos olhos e do nosso cérebro, a composição das tintas e a cor da luz.

Mas a luz tem cor?

A luz do sol é branca e contém todas as outras cores, mas pode variar durante o dia e ao longo do ano. No entardecer, a luz do sol é avermelhada e em uma manhã de inverno é azulada. Essas variações também acontecem com a luz artificial: a lâmpada fria emite uma luz esverdeada, já a luz da lâmpada comum é amarelada. (MEIRA, 2010, p. 64)

Os artistas utilizam a cor para provocar emoções, expressar sentimentos. A emoção causada por uma cor varia de pessoa para pessoa. No entanto a maioria concorda que o vermelho é uma cor quente, geralmente associado ao fogo.

Também é consenso que as cores resultantes da mistura do vermelho com amarelo, os tons de laranja e amarelo-ouro, são cores vivas, fortes, que podem ser relacionadas a emoções positivas, como o entusiasmo e a alegria. Por sua vez, as tonalidades de azul, esverdeadas ou arroxeadas são consideradas cores frias e muitas vezes relacionadas a emoções negativas, como a tristeza. Entretanto, cada cor tem uma característica própria.

O amarelo é uma cor clara e radiante. O vermelho é forte e pode servir para expressar amor ou raiva. O violeta é instável, por ser mistura do vermelho com o azul e, conforme a sua utilização, pode ser considerado cor quente ou fria. O azul pode criar efeito de distância e profundidade na pintura de uma paisagem. O verde representa a natureza e causa uma sensação agradável a visão. (MEIRA, 2010, p. 72)

2.4 Figuras Humanas

As figuras humanas nas obras de Hélio Melo são sempre alongadas e aparecem sempre no contexto familiar. Certas vezes aparecem trabalhando seja na seringa, na confecção da borracha ou na seringueira, são sempre personagens magros e quase sempre com os mesmos traços e linhas de contornos.

Ao observar a obra de Hélio Melo, ele pintou sua gente com linguagem própria. Em sala de aula o professor deve mediar à leitura de imagem dos alunos para que eles possam sentir uma relação de proximidade com o artista e a obra.

Ali estão valores importantes de sua vida. E local de produção econômica e de constituição de um viver familiar. E o espaço onde “cria” seus filhos e os

ensina o trabalho da seringa. Colocação de seringa é a área de seringal onde mora o seringueiro. E onde estão suas estradas de seringa, suas árvores seringueiras, sua barraca (tapiri) e seu defumador. E por onde passam os Varadouros. E unidade de produção da borracha, da castanha, do feijão, do milho, do arroz, etc. **É sua vida.** As colocações de seringa são localizadas no “centro” do seringal, no interior da floresta.

O termo colocação vem de “colocar”. Quando um seringueiro chegava pedindo para cortar seringa para em um seringal ou quando era trazido para esse trabalho, o seringalista o “colocava” – daí o termo “ colocação” – em uma área que ficaria sob sua responsabilidade para produzir borracha. Cada colocação possui, em média, de 3 a 6 **Estradas de seringa** onde estão as árvores da seringueira. Nas colocações de seringa, os seringueiros não só produziam borracha. **Eles também criaram e recriaram um modo de vida.**

As estradas de seringa, abertas antes da instalação dos seringueiros na colocação, tomam **as mais diversas formas.** Cada Estrada de seringa possui, em média, de 150 a 200 árvores de seringueiras. (SOUZA, 2002, p. 82)

2.5 Contexto Histórico

Denúncia da devastação da natureza, migração do homem pobre do campo para cidade, bem como o trabalho árduo dos seringais para aqueles que ali resolveram permanecer. Baseado em tais temas Hélio Melo constrói sua pintura, cuja intenção não é apenas de “embelezar”, mas trazer contextos sociais para uma profunda análise.

Ao longo da história que toda a representação da natureza brasileira foi feita por artistas, sendo alguns de nacionalidade européia, outros brasileiros, é a partir desse olhar que o artista plástico acriano Hélio de Holanda Melo revela a historicidade do Acre em sua pintura é fundamental demonstrar para os alunos a relevância e a contribuição desse artista que revela aspectos tão importantes para a educação no Acre sobre o contexto histórico através de suas obras.

Para implantar a pecuária na Amazônia, o governo federal cortou os incentivos aos seringalistas produtores de borracha. Através da Lei nº 5.227, de 18 de janeiro de 1967, os militares tiraram a obrigação do banco de crédito da Amazônia S.A. de financiar a produção de borracha dos seringais acreanos e de toda a Amazônia. Os empréstimos em dinheiro que os seringalistas conseguiam no banco de crédito da Amazônia S.A. foram suspensos sem aviso prévio. A intenção era fazer com que os seringalistas falassem e colocassem seus seringais dispostos a venda para os pecuaristas das décadas de 1970 e 1980. Os seringalistas foram pegos de surpresa, restando, para muitos, apenas as dívidas para com o banco. Para os seringalistas falidos só restou uma saída: vender o seringal para pagar o que devia ao BASA. E assim o fizeram muitos seringalistas falidos. Venderam seus seringais principalmente no Acre a preços baixos, a empresários do centro-sul do Brasil. Boa parte dos seringais comprados pelos empresários foram transformados em fazendas de gado.(SOUZA 2002, p 98)

CAPÍTULO 3 - LEITURA DE IMAGENS

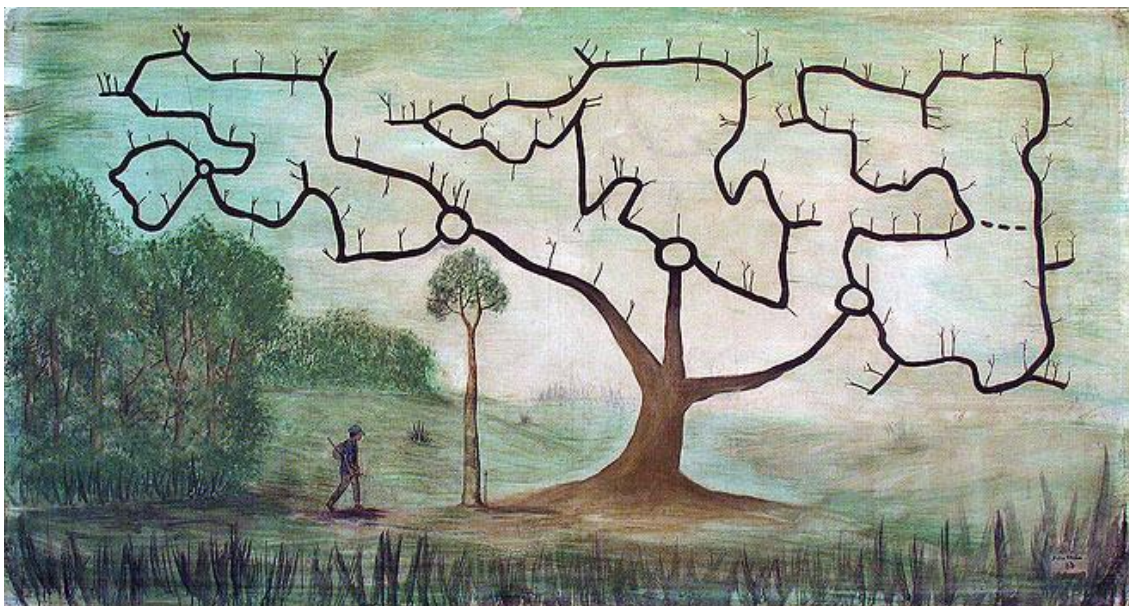


Figura 1-A estrada da Floresta.

A estrada da floresta comunica ao observador o imaginário do artista que interage com a realidade vivida pelo seringueiro e seu meio de trabalho. Signos e símbolos se integram e formam um espaço revelador. Hélio Melo no seu imaginário buscou comunicar as relações das florestas com homens por meio de suas obras, onde a natureza e as relações sociais humanas se entrelaçam sobre a copa de árvore em dinâmica poética, singular e reveladora.

O mapa de Hélio Melo mostra as estradas de floresta, que, nas palavras de Euclides da Cunha, são “tentáculos de um povo desmesurado”, a “imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens”. A selva, como éden puro, tornou-se um inferno. (ROCA, 2006 p. 128.)

Agora, a seguir, veja o mapa de três estradas: Feixo (3): também chamado “boca da estrada”, e também “espera leite”, como diz o seringueiro. Varação (2): quando o seringueiro nota o tempo formado para chover, costuma varar a estrada para não perder de todo seu trabalho. Estirão: espaço livre sem ter seringueiras Oito (1): assim chamado porque a estrada parece a forma de um 8, conforme vemos no mapa. (MELO, 1985, p. 37)

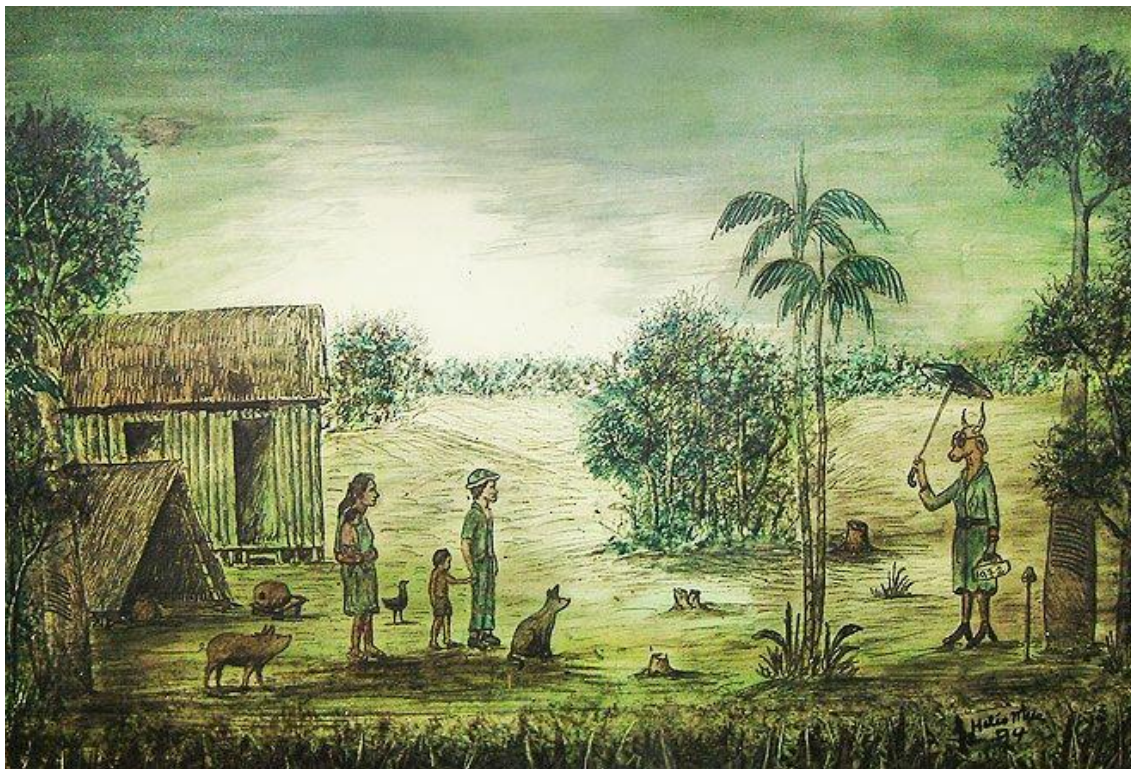


Figura 2 -Família e mulher vaca

Família e mulher vaca é uma pintura que detalha de forma simples o tamanho da exclusão social que o Acre passou no governo Vanderlei Dantas ao trazer para o estado o fundo de expansão agropecuária, onde os seringueiros fugiram do campo para cidade embora bravamente alguns tentassem resistir, como o próprio Hélio Melo, mas, sem conseguir sustentar sua família, pois a seringa e o látex já não mais existiam, foram obrigados a vender os seus seringais.

Nesta obra, Hélio Melo mostra uma família humilde que vê chegar uma mulher “dona de fazenda de gado” , que vem comprar seu seringal. Esta então com rosto caricaturado de cabeça de vaca, demonstrando o seu lado híbrido e irônico, esta traz consigo uma sombrinha sobre a cabeça e uma mala na mão mostrando o seu poder de riqueza.

O seringueiro não podia ver um homem vestido com trajes de fazendeiro que logo chamava de “paulista”. Na verdade, diante das ameaças de alguns desses pecuaristas de que seriam expulsos de suas colocações de seringa, o nome “paulista” criava uma simbologia de pavor entre esses seringueiros e demais trabalhadores do Acre. (SOUZA, 2002, p 100)

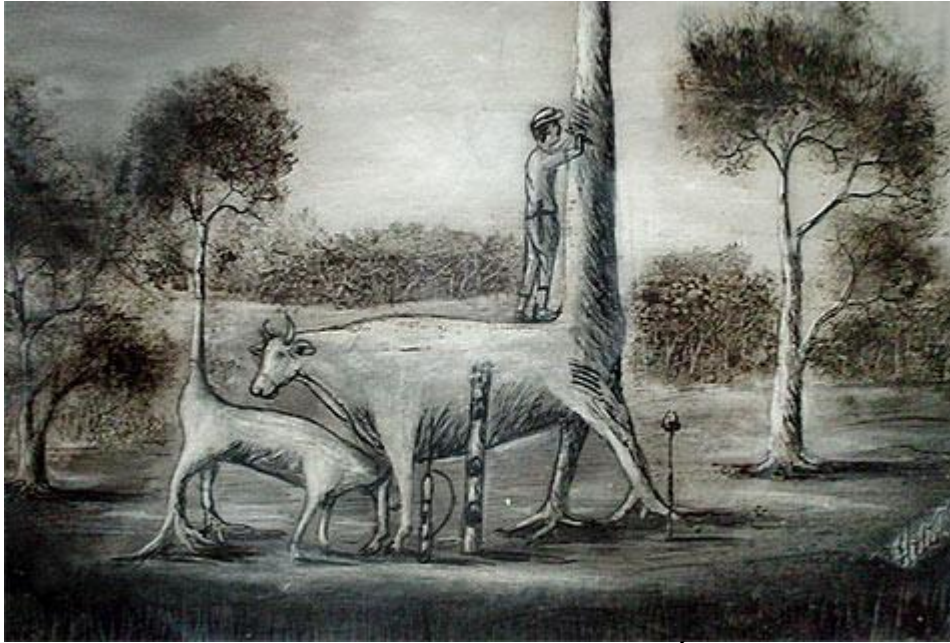


Figura 3 - Árvore vaca e árvore bezerro

A árvore vaca e árvore bezerro é uma obra do artista que traz novamente temas sociais com característica híbridas e irônicas. Hélio Melo fala das mudanças e transformações no contexto rural do Acre, onde o látex foi substituído pela criação bovina. Nessa obra Hélio representa de forma criativa uma simbiose entre a árvore e a vaca e a árvore e o bezerro, mostrando assim a transformação rural, as mudanças sociais que transformaram a vida do seringueiro.

A árvore agora é uma vaca e o seringueiro sobe nela para fazer corte na seringa que é na realidade o rabo que forma o tronco da seringa, ao lado, o bezerro forma uma conexão com a vaca na mesma estrutura sendo que o rabo do bezerro forma a seringueira menor .

Acre foi o paraíso dos fazendeiros na década de 1970, o Acre tornou-se o paraíso de grandes e médios criadores de gados. Para os seringueiros e índios a vida tornou-se um "inferno", pois suas terras passaram a ser **invadidas** por pessoas que eles não conheciam. (SOUZA, 2002, p 99)



Figura 4 - A árvore que chora

Árvore que chora mostra o sentimento do artista profundamente preocupado com a natureza, por meio híbrido e ao mesmo tempo irônico. Hélio Melo faz um desenho na árvore chorando quando se aproxima os serradores para cortá-la. A sensibilidade do artista deixa transparecer o início da transformação da floresta em pasto de extensão para criação de bovinos.

O artista tinha pela floresta um senso de preservação, o que mostra uma crítica social nesta obra, onde a árvore chorando para não ser cortada revela o sentimento de Hélio Melo pela preservação da natureza.

[...] No seio das verdes florestas
 Hélio Melo plantou seu coração
 ambiente com muito carinho
 Respeitava os animais como se fossem irmãos
 Os segredos das matas ele sabia
 Parece que a natureza agradecia
 A homenagem que fazia aquele cristão. [...]
 (PIRES, 2002, p. 06)



Figura 5 - Homem defumando

Hélio Melo sempre através de suas pinturas deu vida à luta dos seringueiros e deixou que sua gente fosse mostrada na forma da sua labuta diária. Nessa obra o homem produzindo látex é mostrado transformando através das mãos hábeis do defumador que se revela tranqüilo e sereno no seu trabalho defumando látex.

O defumador de látex

1. O **cavalete**
2. O **mourão**
3. **Apéla**(bola de látex)
4. O **cavador** (eixo de rotação)
5. O **guindacho**
6. A **bacia**
7. O **cepo de assento**
8. A **tábua de bolar borracha**
9. O **porão da fornalha**
10. A **fornalha**
11. A **cuia** (MELO, 1985, p. 54)



Figura 6 -Ferramentas do seringueiro

Ferramenta do seringueiro é uma obra que se converte em um guia que demonstra a forma como o seringueiro trabalhava na colheita de látex na floresta e suas ferramentas são instrumentos usados no sistema de trabalho em meio a floresta, ao lado do tronco da seringa está disposta uma espingarda, instrumento principal do seringueiro para se proteger dos animais ferozes. Todos os seus instrumentos tinham uma função como revela o próprio artista no livro *O caucho, a seringueira e seus mistérios*.

1. A **raspadeira**, para raspar a seringueira
2. A **lamina**, faca que serve para fazer o corte
3. A **cabrita**, para encastoar a lamina da faca
4. O **balde**, para carregar o látex
5. A **tigelinha**, para apanhar o látex
6. O **saco**, onde se guarda o látex depois de colhido
7. A **tubiba** tira de borracha para amarrar o saco
8. O **bornal**, para juntar o sernambi carregado atira-colo
9. A **poronga**, lamparina para o seringueiro alumiar seu caminho
10. A **espingarda**, para se proteger das feras
11. A **bandoleira**, cinto que se amarra na coronha para o coice da espingarda
12. A **faca de defesa**
13. A **capanga** ou **bosoroca**, para carregar os cartuchos da espingarda
14. A **estoupa** ou **sarrapilha** serve para carregar os utensílios conforme vemos nas costas do seringueiro. (MELO, 1985, p. 52).

CAPÍTULO 4 - A OBRA DE HÉLIO MELO COMO LINGUAGEM E INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO NA ARTE E EDUCAÇÃO NO ACRE

A arte é uma fonte de aprendizagem no contexto de sala de aula, pois ela desenvolve saberes e interações através de produções de artistas e culturas, possibilitando ao educando conhecer e se revelar como observador, conhecedor e participante de processos de aprendizagem de produções de diferentes épocas, estilos e produções artísticas. As experiências através da arte educação constroem saberes nos alunos, como também desenvolvem seu senso cognitivo de modo a aguçar a sua percepção.

A aprendizagem em arte requer conhecer, apreciar e refletir sobre suas formas estéticas, sobre épocas e diferentes culturas. O educando que convive com o fazer artístico desde cedo revela uma percepção de experiência que o conduz no seu meio com mais desenvoltura, pois a arte permite essa experiência de símbolos e signos que se revela ao redor daqueles que estão em permanente contato com ela.

A arte educação fomenta nos alunos conhecimentos que perpassam o conceito de símbolos, desde a antiguidade, vem traçando caminhos em diferentes culturas onde os artistas têm papel fundamental na concepção do ensino da arte educação, como também revela valores estéticos sobre diferentes linguagens, assim sendo, a arte é um instrumento de linguagem bastante amplo em sala de aula, sua especificidade por meio do ensino denota sua importância no contexto escolar.

A arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos.

A arte constitui uma forma ancestral de manifestação, e sua apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural.

Aprender arte envolve a ação em distintos eixos de aprendizagem; fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetos artísticos e seus conteúdos. (IAVELBERG, 2003 p 10)

O ensino da Arte com a produção artística que revela conteúdos focados em artistas e suas produções ancora-se nos parâmetros curriculares nacionais e permite que tais conteúdos de arte sejam inseridos em sala de aula com ampla abrangência.

Assim sendo, a proposta de apresentar a obra de Hélio Melo como referência de aprendizagem em sala de aula, aos alunos de uma série do ensino fundamental

II, está em consonância com os parâmetros curriculares do Acre que reconhece a obra do artista como linguagem na arte educação.

Hélio Melo é um artista popular que a partir de sua intuição foi percebendo e se entusiasmou pelas possibilidades dos instrumentos de corda – violão, cavaquinho, violino, rabeca – dos instrumentos de desenho – lápis de cor, canetas coloridas, e da pintura – pincéis, tintas, aquarelas e vernizes. Ele teve mestres, alguns anônimos, mas que ensinaram o contato com os instrumentos e materiais, e ele exercitou, explorou e transformou em linguagem corrente. (Governo do Estado do Acre, referencial curricular de educação, p 12)

Para inserir a obra de Hélio Melo na arte educação, tendo como princípio o contexto histórico do Acre, faz-se necessário realizar atividades que envolvam leitura de imagens, bem como, análise e síntese das mesmas, de modo a possibilitar a construção de conhecimentos sobre a historicidade do Acre nos alunos de uma série do ensino fundamental II.

É de suma importância propor uma metodologia de ordenação de pesquisas e atividades que envolvam o aluno de modo a levá-lo a interagir com o grupo no intuito de aprofundar os conhecimentos pesquisados acerca da vida e a obra do artista, por meio de debates que levem a reflexão do contexto da composição do artista. Para enriquecer o trabalho educativo sobre a obra de Hélio Melo no contexto da historicidade do Acre, é de grande relevância promover o contato direto do aluno com as obras, através de visitas ao museu para que os educandos possam observar características e composição das obras.

Ao organizar uma saída cultural, o professor deve estar atento ao seu objetivo: ensinar, considerando o contexto dos aprendizes na atribuição de significados. Para tanto, é necessário delinear alguns conteúdos que estarão em jogo nas situações de aprendizagem e verificar a coerência do conjunto selecionado para cada circuito, tendo em vista o que é possível percorrer com profundidade no tempo disponível. A ação educativa dialógica considera o universo de significações dos alunos e promove a reflexão, a inquietação, a desconstrução de estereótipos e, principalmente, a idéia de que é possível conhecer e gostar de arte. (ARSLAN e ROSA, 2006, p 46)

A aprendizagem em arte está relacionada com o processo de desenvolvimento do aluno. A participação em atividades do cotidiano social estão associadas à dinâmica social a qual pertence o aluno, pois ele é parte integrante desse movimento cultural que envolve vários aspectos da cultura acriana onde

Hélio Melo através de suas pinturas retrata de forma original esse processo dinâmico por meio de composições que revelam realidades, mitos, acontecimentos históricos, culturas e sensibilidades na busca da preservação da floresta como fonte de sustento de sua gente e meio de sobrevivência de várias espécies de animais. Ainda sim, o artista trabalha temas em suas obras referentes à defesa da preservação da mata para que seja assegurado a vivência dos índios.

Antes os brancos se diziam civilizados, enquanto os índios eram tidos como selvagens. Enfim, custou muito aos brancos chegarem à conclusão de que os índios também possuíam a sua cultura. No desenho se vêem algumas de suas idéias criativas. Exemplo: à noite eles usavam fachos acesos que serviam de faróis para viagem. O importante é que os civilizados que observavam de longe, achavam aquilo um mistério. E, no entanto, mais tarde tomaram conhecimento de que esse processo se dava pela utilização do caucho. E como seria feito esse facho? (PICCOLI,1986, p.17)

As suas obras são repletas de possibilidades de interpretações, possibilitando com a sua devida leitura que o aluno extraia dela realidades culturais do Acre. Sua temática, rica em várias formas de linguagens, pode orientar o professor de artes a ver oportunidade de fazer e orientar atividades que revelem a importância que este artista tem, e isso possa ser levado às escolas com o objetivo de compor possibilidades de pesquisas e trabalhos sempre com diversos focos.

Observando aspectos formais das obras como as linhas, Hélio Melo usava na composição uma linguagem gráfica expressando livremente seu estilo. Suas formações compostas na figuração geométrica, o artista é livre para criar. As figuras humanas são alongadas e caricaturadas, e os alunos observarão isso. As cores nas pinturas do artista foram extraídas na sua grande maioria da natureza, assim o aluno será induzido a sentir os traços do artista e refletir sobre o contexto da dinâmica social e da floresta, por fim observará as imagens como um todo e aprenderá sobre a transformação dos seringais em pastos bovinos.

Já no campo da cultura o professor pode criar projeto observando nas obras do artista os instrumentos tecnológicos como suas ferramentas e utensílios que o seringueiro usava em seu trabalho no manejo da retirada do látex na floresta densa e cheia de animais ferozes até mesmo tribos indígenas selvagens, para o corte da seringa, fazendo um paralelo com as tecnologias e instrumentos de hoje.

A obra do artista tem possibilidade de focar para o aluno de diversas escolas acrianas os costumes culturais que podem ser refletidos por eles em debates sobre

como seringalistas e seringueiros se organizavam para divisão do trabalho na floresta, na extração da seringa e como ele (Hélio Melo) assimilava na grande floresta essa dimensão de estrada. Na observação de sua pintura, fazendo leitura em atividade na arte educação nas escolas acrianas sobre a observação da sua obra mais emblemática que é A Estrada da Floresta, a qual na realidade, retrata um mapa pintado pelo artista com indicações totalmente didáticas de como o seringueiro deve orientar-se na floresta para fazer seu trabalho.

A árvore de Hélio Melo é , portanto, um mapa; mas também uma crônica. É possível ler nessa árvore-caminho as razões da tragédia que foi a exploração da borracha na área que hoje estão os territórios do Brasil, Bolívia, Peru e Colômbia. O problema central da extração do látex na América está ligado a uma circunstância biológica. (MEIRA, São Paulo, 2009)

A proposta didática para a realização de um trabalho na arte educação sobre o artista em questão seria um projeto que tivesse como culminância a produção de um “caderno do artista” no qual se insere a vida e a obra de Hélio; análise e síntese das obras e imagens de suas pinturas escolhidas pelos alunos. É parecido com o livro do artista que contempla a proposta da arte conceitual, uma vez que são criados e confeccionados como obras destinadas a difundir uma idéia de arte. O objetivo deste caderno, confeccionado pelos alunos de uma série do Ensino Fundamental II, é divulgar a vida e a obra do artista e no final, apresentar análises dos educandos sobre as obras analisadas.

CONCLUSÃO

A arte é uma linguagem que na educação exerce um movimento dialético nas relações do homem com o seu mundo. Esse movimento deve ser levado para a sala de aula desde os anos iniciais da escolaridade dos alunos como forma de ensino-aprendizagem por meio de conteúdos que contextualizem o saber no fazer artístico e na cultura.

Porém a arte como reveladora e participativa deve-se integrar às demais disciplinas de modo a atingir outras linguagens, a fim de facilitar o estudo do aluno. Para obter resultados mais flexíveis e perceptíveis do conhecimento é importante que o professor saiba conduzir esse ensinamento de forma a proporcionar nos seus alunos um diálogo com a arte e as demais disciplinas.

A arte não se esgota em única função, ela sempre vai além das fronteiras do conhecimento humano, por ser dinâmica e interativa, permeia todas as outras disciplinas construindo idéias. O indivíduo que convive com arte desde cedo adquire habilidades para se orientar com as histórias de seu mundo.

A arte é, portanto facilitadora da leitura do mundo aos olhos do homem e sua função principal é orientá-los em sua jornada, assim não se sabe se o homem fez a arte ou se arte fez o homem, o importante é perceber que, ela tem grande influência na educação e deve ser levada para as escolas para que suas diversas linguagens sejam aprendidas pelos alunos.

É neste contexto que as obras do artista plástico acriano Hélio Melo devem ser trabalhadas, evocando sua vida e contextualizando suas obras como forma de conhecimentos em diferentes situações no Acre. As produções de Hélio Melo estão intrinsecamente relacionadas com a história do Acre, e por tal motivo devem ser aplicadas nas escolas acrianas como objeto de estudo, para que o aluno conheça as raízes do Acre e de sua cultura.

A obra de Hélio Melo é um livro que não tem palavras, revela a realidade do seu tempo de forma peculiar e sensível por meio de linhas, formas e cores. O artista acriano através do seu modo original soube firmar suas críticas por meio híbrido e irônico das situações incômodas, como a transformação da floresta, o desafio do seringueiro em viver no seringal, bem como sua vida difícil como homem da floresta.

Suas experiências foram de grande relevância para a construção de sua obra, através do manejo com a floresta, Hélio aprendeu a fazer suas tintas e falar com originalidade através de suas obras sobre sua gente.

Inegavelmente podemos constatar e reafirmar que, inserir a obra de Hélio Melo, que tanto contribui para historicidade e a cultura acriana no contexto de sala de aula, favorecerá aos alunos do ensino fundamental II a construir conhecimentos a partir do olhar crítico sobre sua obra, que de modo claro e original desvelou sobre a formação do Acre e sua cultura regionalista e ruralista.

Referências Bibliográficas

- ARANHA. Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. Editora Moderna. São Paulo, 1993.
- ARAÚJO. Anna Rita Ferreira. **Encruzilhadas do olhar**. Editora Mediação, Porto Alegre. 2007.
- ARSLAN. Luciana Mourão, IAVELBERG.Rosa. **Ensino de Arte**. Editora Thomson. São Paulo.2006
- COLI. Jorge. **O que é Arte**. Editora Brasiliense, São Paulo, 2002.
- CORAGEM. Amarílis Coelho. **Arte**. Coleção Pitágoras. Belo Horizonte. 2004. Páginas 22 a 30
- FISCHER. Ernest. **A necessidade da arte**. Editora LTC, São Paulo, 2007.
- IAVELBERG. Rosa. **Para gostar de aprender arte**. Editora Artmed. Porto Alegre. 2003.
- LEVY. Herbert Costa. **As obras de Hélio Melo e suas possibilidades interpretativas acerca do contexto acreano**. Rio Branco. 2004
- MEIRA. Beá. **Projeto Radix**. Editora Scipione. São Paulo.2009
- NUNES. Benedito. **Introdução a Filosofia da Arte**. Editora Ática. São Paulo. 2003
- PIRES. Antonio Pinheiro. **As raízes e ramas de Hélio Melo**, Acre. 2002.
- OSBORNE. Harold. **Estética e teoria da arte: uma introdução histórica**. Editora Cultrix. São Paulo, 1990.
- PICCOLI. Jacó César. **O Caucho, a seringueira e seus mistérios**. Fundação de desenvolvimento de recursos humanos da cultura e do desporto de Rio Branco. Acre. 1986
- Parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da educação. Brasília. 2001
- ROCHA. Ruth. **Minidicionário da língua portuguesa**. Editora Scipione. São Paulo. 2010.
- READ. Herbert. **O sentido da Arte: esboço da história do Acre, principalmente da pintura e escultura, e das bases de julgamento estético**. Editora ibrasa, São Paulo, 1978.
- SOUZA. Carlos Alberto Alves. **História do Acre**. Autor/Editor. Acre.2002. Capítulos: III, V, VII, VIII e V
- TELES. Antonio Xavier. **Estudos sociais novas perspectivas do programa**. São Paulo, 1972.

TRESIDDER. Jack. **O grande livro dos símbolos**. Editora ediouro, Rio de Janeiro, 2003

BARBOSA. Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. Editora Perspectiva. São Paulo. 2005.

Fontes das Figuras:

Figura 1 – Disponível em: <<http://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida>. Acesso em: 26 out. 2011.

Figura 2 – Disponível em :<<http://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.htm>. Acesso em: 26 out. 2011.

Figura 3 – Disponível em :<<http://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.htm>. Acesso em: 28 out. 2011.

Figura 4 – Disponível em :<<http://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida>. Acesso em: 28 out. 2011.

Figura 5 – Disponível em :<<http://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html> .Acesso em: 30 out. 2011.

Figura 6 – Disponível em :<<http://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.htm>. Acesso em: 30 out. 2011.